

Este artigo pode ser utilizado mencionando a fonte original e a página Web de procedência.
Toda informação desta Web www.golden5.org está sujeita a Copyright

GOLDEN ÁREA

(5) Relações Família e escola¹

Knud Jensen , Frode Joseng y Maria José Lera. Relações família-escola. Em www.golden5.org/programa



- 1.- Importância da relação
- 2.- Níveis de cooperação e entendimento
- 3.- Implicação de mães e pais
- 4.- Estratégias para as famílias: passos chaves GOLDEN

1. Importância da relação

A relação entre a família e a escola é um dos pilares mais importantes no projeto Golden5. Em toda a Europa, o apoio e as expectativas das famílias se diferenciam bastante, e tanto as atitudes das famílias como as do professorado serão especiais e únicas em cada país, e em cada região existirão diferenças entre as escolas. Tendo em conta estas diferenças, o objetivo principal e transversal em todo o projeto é “criar um clima de cooperação entre famílias, estudantes e escola para melhorar os sucessos acadêmicos e para incrementar a adaptação social em classe, através do respeito mútuo e do entendimento”.

Há duas razões fundamentais para o enlace entre família e escola: uma razão legislativa e outra conceitual.

¹ O texto original pode ser encontrado em:
<http://www.golden5.org/golden5/golden5/programa/es/5FamiliayEscuela.pdf>

A razão legislativa baseia-se nas leis. Na Declaração dos Direitos Humanos da ONU, desde 1984, se estipula que pais e mães têm a principal responsabilidade na educação de filhos e filhas (Artigo 26 ponto 3). Na lei do Menor da Noruega (art. 30) se assinala a importância do papel dos pais na criação dos filhos, seu apoio e em dar uma educação de acordo com suas possibilidades. Na Lei de Educação (art. 1) se diz que o papel da escola é cooperar com as famílias na criação e educação dos filhos. Deixa entendido que as famílias têm a responsabilidade de criar seus filhos e filhas e, por isso, devem ser partícipes das matérias escolares mais importantes (97,30)

O marco teórico também assinala a importância do papel das famílias no êxito escolar dos alunos (Birkemo, 2002; Ungl Norge, 1992; Informe PISA, 2003; Bo, 2002 e Siles, 2003). No artigo da OECD “Os pais como companheiros da escola” de 1997, a relação entre família e escola é analisada. O artigo mostra que a contribuição de pais e mães têm um importante impacto sobre a melhora escolar de seus filhos e filhas, mostrando a importância de incrementar o diálogo e a cooperação em todos os níveis e especialmente construir boas relações nos primeiros anos. Em um projeto canadense (Coleman e Collinge, 1993), se mostra que as atitudes positivas dos pais e mães em relação à escola influem na satisfação dos estudantes e na motivação. A escola está obrigada a fomentar a participação e cooperação de pais e mães, dado que é o fator mais importante no incremento dos resultados escolares de meninos e meninas.

Para os meninos e meninas é muito importante sentir que os adultos que lhes rodeiam mantêm contatos positivos entre eles. Os dados mostram que os meninos e meninas que têm uma experiência positiva nas tarefas de trabalho cooperativo e mantêm relações positivas com os adultos têm menos riscos no desenvolvimento, tanto em problemas acadêmicos como fora da escola (Parra e Sánchez, 2002; Wentzel, 1998).

23% das conquistas escolares podem ser relacionadas com o apoio familiar (Berg, 2002). Esta é uma boa correlação entre a qualidade das relações família-escola e as realizações acadêmicas e o ajuste escolar (Storting melding 14, 1997-98). Os dois fatores fundamentais que influenciam as realizações acadêmicas dos meninos e meninas

são o nível educativos dos pais e mães e a qualidade do trabalho cooperativo entre família e escola (Nordahl 2006)

A educação dos meninos e meninas é responsabilidade dos pais e mães e o papel da escola é apoiar as famílias nestas duas tarefas. Uma boa relação entre família e escola terá um aspecto positivo na motivação dos estudantes e, no longo prazo, a realização dos objetivos propostos (NOU 1995, Wentzel, 1998)

Perceber o apoio social dos pais e mães influirá nos sentimentos de competências dos meninos e meninas, no interesse pelas matérias escolares, realizações escolares e na motivação para construir relações (Wentzel, 1998)

Os estudantes que não se sentem apoiados por seus pais e mães nas matérias escolares triplicaram os riscos de padecer enfermidades relacionadas com o estresse (dor de cabeça, estômago, musculares e problemas de crescimento). Existe também uma forte relação entre o apoio familiar e o comportamento dos estudantes, o rendimento acadêmico e o sentimento de segurança em si mesmo (Coleman et. al. 1996)

2. Níveis de cooperação e entendimento

Thomas Nordahl (2006) sugere três níveis diferentes de cooperação e três níveis de entendimento entre famílias e escolas.

Níveis de cooperação:

- Nível 1: Cooperação representativa: implica participação em organizações de pais e mães.
- Nível 2: Cooperação direta: entrevistas, compreensão e acordos entre estudantes-família-escola.
- Nível 3: Cooperação indireta: implica todas as tarefas que a família realiza

diariamente em casa para ajudar no rendimento escolar de seus filhos e filhas.

Níveis de informação:

- Nível 1: Intercâmbio de informação em ambas direções
- Nível 2: Diálogo: comunicação e discussão sobre temas que concernem aos estudantes.
- Nível 3: Contribuição e influência: decisões importantes tomadas através de acordo mútuo

A família, em geral, está satisfeita com o nível de informação, 75% sente que mantém um diálogo real e equitativo com a escola. Quatro de cada cinco não estão de acordo com o nível 3 e sentem que sua influência na escola é muito pequena. Os pais e mães que têm uma boa experiência nas relações família-escola normalmente tem meninos e meninas que têm bons resultados escolares e não causam problemas. O maior êxito e o maior ajuste escolar se correlacionam com as famílias que sentem que mantêm um diálogo com a escola e sentem que influem nela.

Os pais e mães de alunos que fracassam na escola sentiriam mais provavelmente que as relações entre família e escola estão baseadas principalmente em uma comunicação unidirecional. Dois terços das famílias que têm filhos com um mal ajuste escolar pensam que a cooperação com a escola é negativa e culpabilizadora.

Epstein (2001) sugere seis passos na colaboração entre família e escola:

- Passo 1: assistência das famílias em temas relacionados à criação dos filhos;
- Passo 2: informação: instruir as famílias sobre matérias escolares e comunicar as realizações dos alunos e alunas;
- Passo 3: assistência voluntária: convidar pais e mães para vir à escola e participar de atividades em classe.

- Passo 4: aprendizagem em casa: instruir pais e mães em matérias escolares.
- Passo 5: influência: levar as famílias a participar na tomada de decisões sobre temas que concernem a seus filhos e filhas, em diferentes níveis na escola.
- Passo 6: relacionar a sociedade com o entorno da escola: coordenar os recursos sociais e os serviços para os meninos e meninas e suas famílias.

3. A implicação de mães e pais

Os pais e mães são de fato um recurso importante para os meninos e meninas. Para que eles compreendam que são importantes, é preciso levar em consideração três fatores fundamentais: Primeiro, eles devem sentir-se significativos e perceber as razões para ajudar, a importância que tem e como podem ajudar. Segundo, devem se sentir influentes e ver que seu esforço se traduz no êxito escolar dos filhos e filhas. Em terceiro lugar, eles devem sentir-se apoiados pela escola, sentir que têm objetivos comuns e que cooperam em nome de seus filhos e filhas.

Os pais e mães que sentem que têm um papel importante ajudando seus filhos e filhas no rendimento acadêmico e se implicam a si mesmos em sua educação, podem também facilitar mudanças nos comportamentos dos próprios pais e mães (Alter, 1982). As mudanças nas relações entre pais e filhos podem ter um impacto em outras partes do sistema familiar. As mudanças na vida dos alunos podem se seguir por mudanças na vida das famílias. Atitudes mais abertas em relação à escola podem ter a vantagem de um maior contato com a sociedade local. Mães que apoiam seus filhos podem rever sua própria situação educativa e começar sua própria carreira acadêmica. Alter também sugere facilitar sistemas de grupos de pais onde aprendem uns com os outros, conhecendo a situação de cada um, estando assim à par do desenvolvimento dos outros meninos e meninas.

Os artigos de NOVA (2000-2002), sem dúvida, assinalam que a situação geral na relação família-escola não é satisfatória. As escolas, em geral, não estão interessadas em

pais que tomem muita iniciativa e que se importam muito. Em pais que vivem com incerteza as expectativas que a escola tem sobre seu papel na relação e cooperação. Estes não se encontram em uma situação de igualdade na cooperação da família-escola, mas sentem que os docentes têm todo o poder. Isto se acentua no caso de pais imigrantes que, em geral, sentem insegurança diante da situação, tendo carências nas relações e conhecimento de outros pais, participando menos nos encontros na escola (Velchez, 2004).

O professorado tem o poder institucional e muitos pais se sentem inferiores a eles, tendo medo das sanções escolares, pensando que, se criticarem a escola e os professores, podem chegar a prejudicar os filhos. Os pais raramente experimentam apoio social por parte da escola, ainda que o professorado *diga que o faça*. Fomentar práticas dos professores em relação aos pais, para dar-lhes mais autoconfiança é portanto muito importante. A comunicação baseada no apoio social, no elogio e no ânimo é crucial. A retroalimentação para os pais deveria ser acertada e precisa para evitar maus entendidos (Nordahl et al 2005).

As mães são as pessoas mais importantes nas relações família-escola (Nordahl, 2006). Entre 70 e 80% da relação família-escola é feita por mães de alunos e alunas. As mães ajudam seus filhos com seus deveres, participam na escola em encontros e atividades. Melhorar a assistência dos pais teria um enorme impacto no êxito escolar dos meninos e meninas. Sem dúvida, a participação de mães ou de pais tem um efeito diferente no rendimento dos meninos e meninas (Winqvist, 1999). A participação de ambos os pais nos primeiros níveis educativos é seis vezes mais relevante para o êxito escolar que a influência na própria escola. Se todos os pais em uma classe apoiarem e estimularem seus filhos e filhas igualmente, isto reduziria a diversidade no rendimento acadêmico em uns 30% (Desformes, 2005)

Em um informe de FUG (2005) se especificam dez razões pelas quais os pais não participam da relação família-escola:

1. Alguns pais têm filhos pequenos e ninguém para ajudar.

2. Alguns pais trabalham de tarde e de noite
3. Não se sentem bem nas escolas por sua própria má experiência escolar.
4. Não vão às reuniões porque não consideram importante
5. Estão estressados e têm problemas
6. Se sentem fora do círculo social e não se sentem seguros para ir aos encontros escolares.
7. Se sentem como desconhecedores da linguagem e acreditam que não podem ajudar
8. Se sentem incapazes e acreditam que os professores sabem qual a melhor forma de educar
9. Algumas pessoas acreditam que não serão entendidas e que não saberão se comunicar
10. Algumas pessoas creem que o tema da escola não lhes diz respeito, mas é uma exclusividade dos professores.

Silles (2003) pontuou que existe um vínculo entre uma boa relação família-escola na escola e um ensino escolar de qualidade. Além do mais, afirma que existe uma conexão entre os fracassos escolares, culturais e sociais ao distanciar a escola da casa. O professorado que se interessa mais pela vida social e familiar de seus estudantes aumenta a motivação destes, já que obtém mais informação para tomar melhores decisões na hora de planejar a educação. O conhecimento da vida pessoal e experiência cultural dos estudantes é uma boa base para um bom e acertado processo de aprendizagem (Ericsson e Larsen 2000).

A relação família-escola é uma questão de atitudes. Os docentes têm um papel muito importante no desenvolvimento de uma boa relação (Chrispeels 1996).

Para um professor, a relação se baseia em:

1. O interesse em geral de cada docente na situação especial de cada pai e mãe
2. A habilidade de cada professor para trabalhar com seus estereótipos sobre certas famílias

3. A habilidade de cada educador para trabalhar sistematicamente com um estudante em particular, mostrando-lhe especial interesse, motivando-o e passando um tempo juntos, observando suas qualidades.

Cohen (1974) sublinha a responsabilidade dos docentes diante da relação família-escola.

Recomenda os seguintes componentes para a relação entre casa e escola:

1. Predisposição a receber informação dos pais com relação a seu filho/a.
2. Comunicar sua dedicação no que diz respeito à aprendizagem do filho/a.
3. Comunicar seu desejo de cooperar com os pais.
4. Escutar as inquietudes dos pais e as expectativas em relação ao seu filho/a.
5. Comunicar o interesse por uma educação complementar em casa.
6. Explicar os objetivos e programas em classe para os alunos/as e pais.
7. Informar sobre o progresso dos estudantes
8. Oferecer ideias para um possível uso em casa com a finalidade de ajudar na aprendizagem dos filhos
9. Fazer uso da informação e ideias dos pais.

O docente é um profissional e tem a maior responsabilidade na construção de uma boa relação (Nordahl et al 2005). Deve ter geralmente uma atitude positiva em relação aos pais em geral e considerá-los como um recurso importante para o alunado. Centrar-se mais no futuro que no passado é importante, especialmente visando os sentimentos que os pais têm em relação a seus filhos e filhas. Outro aspecto é a importância de dar poder aos pais e enfatizar seu importante papel.

Ericsson (2000) usa a palavra “rand zone” para a relação família-escola. “Rand zone” é a área em que a conexão é pouco clara. Um exemplo de “rand zone” poderia ser se os professores pudessem interferir em como as famílias educam, suas rotinas, seus hábitos, etc. Outra “rand zone” poderia ser se os pais devem pagar pelo equipamento escolar, ou as atividades ou se os pais tivessem alguma influência em temas escolares tais como a disciplina, sanções ou educação em geral.

Conseguir uma boa relação entre família e escola será benéfica para ambos. Isto ajudará os docentes a entender a situação especial e a rotina de cada estudante (Thomson et al 2004). Através do desenvolvimento de relações positivas entre família e escola, o professorado pode construir expectativas mais realistas sobre cada educando, ao mesmo tempo que permite que as próprias famílias elaborem expectativas mais coerentes e realistas de seus filhos e filhas.

Pais e mães também têm uma responsabilidade clara nas relações que estabelecem entre a família e a escola (Chripspeels 1996; Vilchez 2004). Devem trabalhar com suas próprias atitudes em relação à escola e lidar com suas próprias emoções relacionadas com seus próprios resultados acadêmicos e sua própria experiência escolar. Devem implicar-se mais no funcionamento da escola, e nas atividades que a escola propõe. As famílias, junto ao professorado, devem criar juntos, expectativas comuns em relação aos filhos e filhas. Devemos compreender que a família e a escola tem metas comuns: melhor o rendimento e o êxito escolar.

4. Estratégias para melhorar a relação família-escola: passos chaves GOLDEN

O projeto “Golden 5” escolheu a relação família-escola como um dos cinco temas importantes no desenvolvimento escolar dos alunos. O marco teórico indica que uma boa relação entre família e escola terá um impacto positivo no desenvolvimento e crescimento dos meninos e meninas; igualmente nos mostra que terá um efeito positivo em ambos, a família e a escola. Estabelecer uma boa relação entre família e escola é uma questão de atitudes e pensamento sistêmico. A maior responsabilidade de construir estas boas relações sempre recai na parte profissional, a escola e o professorado. Sem dúvida, a família deve trabalhar com as expectativas e atitudes que tem em relação à escola e à educação e trabalhar com seus próprios sentimentos e emoções. Uma perspectiva sistêmica através de “estratégias globais da escola” parece ser mais efetiva que estratégias individuais.

Os pais e mães que têm suas próprias experiências negativas com a escola, ou que têm filhos e filhas com fracasso escolar frequentemente sentem que o contato com a escola é culpabilizador. Também frequentemente podem chegar a sentir que são os docentes quem culpam eles e aos próprios estudantes por falta de êxito escolar. Se sentem sem poder e com pouca influência. O professorado, portanto, deve ter estratégias para construir relações que dotem de poder aos pais e mães, ter atitudes e expectativas positivas em relação a todos os pais e mães e contemplá-los com um recurso para seus estudantes. Para o alunado, é muito importante ver os adultos de seu entorno colaborando em uma atmosfera positiva, o que diminuirá o risco de fracasso escolar e problemas fora da escola.

Para o professorado, é também muito importante ter em mente que os pais e mães de outras culturas necessitam uma maior atenção e que é muito importante construir relações positivas e expectativas de integração em outros grupos de pais e mães.

Nas relações família-escola, há vezes expectativas inespecíficas. Será portanto muito importante criar sistemas e estratégias que permitam esclarecer as áreas de responsabilidade e obrigações tanto das famílias como do professorado.

O efeito de uma relação de igualdade estará acordo com as teorias e investigações mencionadas e favorecerá:

- Êxitos acadêmicos
- Autoestima
- Saúde psicológica
- Motivação escolar dos estudantes
- Ajuste escolar
- A longo prazo, execução de metas estabelecidas e planejamento futuro
- Satisfação escolar dos estudantes

Passos chave:

- *Realizar regularmente chamadas telefônicas aos pais e mães com uma mensagem positiva. Também poderíamos ter um livro de contatos especiais, para os cinco estudantes “Golden”.*
- *Assegurar que pais e mães dos alunos Golden venham às reuniões oferecendo uma atenção especial (Recordar com mensagens ou chamadas telefônicas ou através do próprio aluno ou aluna)*
- *Mostrar interesse pelas famílias dos alunos e alunas e sua vida fora da escola perguntando-lhes*
- *Utilizar “o currículo familiar”² com os pais e mães na classe com um todo, ou com os meninos e meninas Golden escolhidos (ver apêndice)*
- *Organizar grupos familiares em classe (grupos de pais e mães que junto a seus filhos realizem atividades fora do colégio durante um mês)*
- *Realizar contratos de aprendizagem entre pais e mães, filhos e filhas, e o professorado centrando-se na responsabilidade e na melhora (ver modelo de entrevista)*
- *Realizar um banco de pais e mães: consiste em convidar pais e mães a*

² Currículo familiar:

1. Falar bem da escola, do professorado e da educação em geral
2. Abrir temas de discussão e novos enfoques, da sociedade entre os jovens.
3. Prestar atenção e falar de forma positiva, das comunicações que emite a escola, e das atividades cooperativas que esta promove.
4. Colocar o nome no banco de atividades da escola
5. Assegurar-se de que as famílias são um bom modelo de conduta de filhos e filhas.
6. Mostrar interesse pelas habilidades que mostram os meninos/as e ajudá-los nas tarefas escolares, promover uma atmosfera de aprendizagem e construir um bom lugar de trabalho em casa para ajudá-los com os trabalhos do colégio.
7. Assegurar-se que os meninos sempre têm livros para ler, e que os usam, em seu trabalho diário.
8. Assegurar-nos que tanto a alimentação como as horas de sono são suficientes.

colaborar em aula, escrevendo em um “banco de dados” um experiência interessante, por exemplo, com receitas, um trabalho, uma viagem, conhecimentos, habilidades, etc. A habilidade ou colaboração dos pais deve ficar registrada, o professorado organizará quando seja mais conveniente para todos.

Referências

Apster, Stephen (1982) *Troubled children/Troubled systems*: Pergamon General Psychology Series

Berg, Jens Petter: *Utdanning* 9/2002 side 84 of 86

Birkemo, Asbørn 2002: *Læringsmiljø og utvikling*, UNIPUB

BØ, Ingrid (2002) – *Begrepet: Indre vilkår for foreldreskap*.

Coleman, Peter and Collinge J (1993): *Seeking the levers of change: Participant attitudes and school improvement*. In: *School effectiveness and school improvement* 4:1

Coleman, Peter and Colling J (1996): *Learning together: The student/parent/teacher triad*. In: *School effectiveness and school improvement*, Volum 7, page 297-323.

Crispeels, J (1996): *Effective Schools and Home-School-Community partnership roles: a framework for parent involvement*. *School Effectiveness and School Improvement*, Vol 7, pp 297-323.

Cohen, S (1974), *Family reactions to the handicapped child*. New York: Hunter College of the City, University of New York.

Desforges, Charles (2005): *Exeter University: Verdens gang* 3/1 page 53.

Epstein, Joyce L (2001): School, family and community partnerships: Preparing Educators and Improving Schools, Westview Press.

Ericson, Kjerti and Larsen, Guri (2000): Skolebarn og skoleforeldre, Pax forlag.

FUG (2005) Broer mellom hjem og skole – Håndbok om samarbeid mellom minoritesspråklige foreldre og skole.

Norsk offentlig utredning (NOU) 1995: Kap. 12

Norges almenntvitskaplige forskningsråd (1992): Ung I Norge

Nordahl, Thomas (2000): Samarbeid mellom hjem og skole – en kartleggingsundersøkelse

Nordahl, SØrlie, Manger, Tveit (2005): Aferdsproblemer blant barn o gunge, Fagbokforlaget.

NOVA (2000): Rapport nr 8

NOVA (2002): Rapport nr 13

OECD (1997): “Parents as partners in school”

Parra, Oliva and Sánchez, I (2002): Parents and peers influences on emotional adjustment during adolescence. Presented in: VIII Biennial Congress of the European Association for Research on Adolescence. Oxford, 2002.

Siles, C (2003). La colaboración de los padres con la escuela. In Padres y Maestros, 279 pp 10-14.

Stortingsmelding 14, 1997-98 Kap.4

Thomson G, Warron, S, Carter L (2004): It's not my fault. Predicting High School Teachers who blame blame parents and students for low achievement. In: The High School Journal: 87: 3, pp. 5-14.

Vilchez, L.F. (2004): Expectativas de los padres y las expectativas de los profesores, In: Padres y Maestros, 254, pp. 22-25.

Wentzel, K. (1998): Social Relationships and motivation in middle school. The role of parents, teachers and peers, Journal of educational Psychology, 90, 2, pp. 202-209.

Winqvist, C (1999). Participación de los padres en las escuelas. ERIC DIGEST.